

Abordagens teóricas sobre leitura e suas consequências na vida das pessoas têm sido relativamente comuns ultimamente. Não tão comum assim, contudo, é a tentativa de conciliar semelhante perspectiva a atividades próprias da psicoterapia e suas derivações, como procura fazer Michèle Petit em seu mais recente livro (*A arte de ler ou como resistir à adversidade*).

Refletindo sobre a atuação da leitura em lugares onde a crise é particularmente intensa (situações de guerra e violência, contextos de deslocamentos populacionais e recessões econômicas etc.), a autora começa lembrando que, em tais situações, a leitura poderia contribuir tanto na reconstrução de si mesmo quanto na promoção de uma atividade psíquica saudável. Nesse sentido, defende a apropriação da *literatura* nessa tarefa, na medida em que a literatura, além de mais crítica, torna-se mais capaz de explorar melhor a experiência humana. Semelhante atividade, completa a autora, tem sido desempenhada pelos *mediadores* de livros, cuja principal função seria auxiliar na compreensão da literatura como instrumento de organização e transformação da própria história dos leitores. São esses *mediadores culturais* que criam uma “abertura psíquica” (p. 50), revelando ao leitor o universo dos livros e da literatura, prática na qual a oralidade desempenha papel imponderável.

Assim, a autora defende a ideia de que, por meio da leitura, a interioridade do ser humano é modificada, permitindo ao leitor – sobretudo aquele que vive em *espaços de crise* – que recupere um sentimento de continuidade. Em suma, pode-se dizer que “para além desses contextos dramáticos, a leitura como o jogo, é uma maneira de se reafirmar, dia após dia” (p. 91). Constituindo-se, portanto, num suporte de discurso de si mesmo, a literatura faz com que o leitor que vive numa situação adversa possa ver o mundo de outra maneira, sobretudo em razão de sua capacidade de fornecer representações simbólicas, necessárias, segundo a autora, à existência humana: “Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos

de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos" (p. 115).

Considerando ainda que nossas vidas são tecidas por relatos, construídos ao longa da nossa existência, entende-se a necessidade de *histórias*, as quais podem ser resgatadas pela ação dos mediadores culturais, os quais, muitas vezes, desenvolvem um autêntico "trabalho terapêutico" (p. 130), trabalho completado por bons psicólogos e psicanalistas.

Michèle Petit trata, finalmente, dos espaços coletivos de leitura (como, por exemplo, os Clubes de Leitura), onde se desenvolve uma *leitura compartilhada*, responsável por proporcionar experiências literárias que contribuem para a formação de uma sensibilidade. Muito desse trabalho, assinala a autora, depende da escolha do texto feita pelos leitores ou pelos mediadores, nesse trabalho que, além de ser uma promoção da leitura propriamente dita, afirma-se ainda como forma de melhorar a autoestima do leitor:

os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros (p. 266).

Pode-se dizer que, grosso modo, em seu novo livro, Michèle Petit rejeita a consideração formativa ou informativa da literatura – portanto, seu sentido *pedagógico* –, buscando nela um valor terapêutico, catártico – portanto, um sentido *psicológico*. É exatamente essa mudança de perspectiva, na consideração da leitura literária, que confere ao livro um caráter que vai além do testemunho pessoal, mas que fica aquém da crítica objetiva: trata-se, antes, de um bem fundamentado relato de experiências sociais e vivências pessoais relacionadas à leitura.

Seu texto – como o título sugere – busca resgatar uma espécie de função terapêutica da literatura, seja ela escrita ou oral, o que – embora passível de contestação – não deixa de ser uma forma original de aliar literatura e

psicanálise, o que se percebe até mesmo pela profusão de teóricos desta última área do saber que a autora mobiliza para sustentar suas teses.

Por esses e outros motivos – aqui aventados ou não – é que esse *A Arte de Ler* merece ser, de fato, lido com gosto e atenção. Afinal, como a própria autora afirma, “ler, apropriar-se dos livros, é reencontrar o eco longínquo de uma voz amada na infância, o apoio de sua presença sensível para atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação” (p. 65).

**Enviada em 18 de fevereiro de 2011**

**Aprovada em 05 de março de 2011**